

# A Morte

Rev. Ronald Hanko

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Não há dúvida que a morte é um inimigo – o último inimigo (1Co. 15:26). Tememos a morte, porém não simplesmente porque ela é desconhecida. Ninguém jamais retornou para nos dizer como é morrer, mas nosso temor da morte vem especialmente do conhecimento que a morte é o *salário do pecado* (Rm. 6:23), o *juízo de Deus* sobre aqueles que se rebelaram contra ele.

Não é de maravilhar que toda tentativa é feita para esconder o horror e a corrupção da morte. Nem é de se admirar que em face da morte, a maioria tente afogar suas tristezas em diversão e bebidas. Mesmo quando estão morrendo, eles não querem pensar ou falar da morte, e em muitos casos eles simplesmente negam que *estejam* morrendo, quando é claro que não há nenhum remédio ou socorro.

Quando o ímpio vê a morte na criação, eles falam de “sobrevivência do mais adaptado”<sup>1</sup> e da “natureza, vermelha no dente e na unha”<sup>2</sup> para esconder o fato que a morte *não é natural* e que a ira de Deus é evidente nela. A morte está em todo lugar e sempre é o fim de todas as esperanças, o inimigo que chega rápido demais. Na morte, pelo julgamento de Deus, todos os labores e esperanças são deixados sem cumprimento e satisfação.

É somente pela fé que um crente é capaz de enfrentar a morte, e mesmo então isso não é fácil. Em face da morte, a fé deve brigar, lutar e sobrepujar, embora sempre tenha a vitória. Com consciência dos seus próprios pecados, o filho de Deus ainda deve buscar pela fé confiar no sacrifício e vitória de Cristo sobre a morte e crer de todo o seu coração que a morte foi tragada na vitória.

A morte está conquistada para o crente. A morte não pôde deter Cristo (At. 2:24), pois o *agulhão* (o poder destruidor) da morte é o pecado (1Co. 15:56), e Cristo não tinha nenhum pecado. Os pecados que tomou sobre si, como Mediador, ele pagou até o último centavo. Ele deliberadamente colocou a si mesmo no poder da morte e permitiu que ela fizesse o pior com ele, mas

---

<sup>1</sup> “Sobrevivência do mais adaptado”, do livro *Principles of Biology* (1864-1869) de Herberts Spencer, foi tomado por Charles Darwin para descrever sua teoria de evolução.

<sup>2</sup> “Nature red in tooth and claw” faz parte do estrofe 4 do poema *In Memoriam*, Parte 56, de Alfred Lord Tennyson.

ela não podia e não o conquistou, pois ele era o Filho de Deus, o Santo. Sua morte, como John Owen colocou tão belamente, foi “a morte da morte”<sup>3</sup> para todos a quem o Pai tinha lhe dado.

Isso levanta a pergunta: “Por que os crentes devem morrer, se a morte foi tragada na vitória?”. Ou, como o Catecismo de Heidelberg coloca: “Se Cristo morreu por nós, por que devemos nós morrer também?”. A resposta do Catecismo é a resposta da Escritura: “Nossa morte não é para pagar nossos pecados, mas somente significa que morremos para o pecado e que passamos para a vida eterna”<sup>4</sup> (Veja também Jo 5:24; Fp. 1:23).

Que maravilha! A porta escura, que antes tinha sido aberta somente para o inferno e condenação, abre-se agora para que os crentes entrem na gloriosa vida celestial. Portanto, talvez não seja errado dizer que devemos morrer para mostrar quão completa foi a conquista de Cristo em nosso favor. A morte é um fim para todo pecado, sem dúvida, e uma porta para glória, mas também um testemunho do fato que essa morte foi verdadeiramente tragada.

E assim, os crentes dizem: “Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor” (Rm. 14:8). Será essa a nossa confissão quando a morte chegar?

**Fonte (original): *Doctrine according to Godliness*, Ronald Hanks, Reformed Free Publishing Association, p. 309-311.**

---

<sup>3</sup> “A Morte da Morte na Morte de Cristo: Um Tratado sobre a Redenção e Reconciliação que há no Sangue de Cristo, com o Mérito disso, e a Satisfação adquirida por ela” em *The Works of John Owen*, editado por William H. Goold, vol. 10 em *Division 3:c Controversiel* (London: The Banner of Truth Trust, 1967) 139-421. Originalmente publicado em 1850-1853.

<sup>4</sup> Catecismo de Heidelberg, Dia do Senhor 16, P&R 42.